

PERFORMATIVA

POLÍTICA

MUT RÃO DE

PEDAGÓGICA

MAGINAÇÃO



Quem vai velar pela educação pública? Aula imaginária Táticas Afetivas Anarcadêmicas.
Coletivo Parabelo. São Paulo. 2019. Fotografia Mayra Suzuki.

Considerações sobre o último Mutyrão:

No último Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica entramos em contato com a ideia de que defender a escola implica em dismantlar uma espécie de dispositivo pedagógico que está antes e para além dela, uma vez que estamos vivendo no que tem sido chamado de Sociedade Pedagogizada. Tal dispositivo pedagógico consiste no estabelecimento de redes estratégicas de formação epistêmica, ética, política, estética e econômica que dispõem os corpos em determinadas relações de saber-poder. Isto é, tal dispositivo pedagógico é corporificado na e pela organização da materialidade das relações sociais no mais amplo sentido do termo. Nessa perspectiva, a escola moderna torna-se o emblema de uma espécie de usina de modelagem de condutas, atitudes, gestos corporais em ambientes controlados, nos quais são replicados os princípios universais previstos pelo modelo de formação do sujeito moderno, indispensável para a manutenção das esferas da representação política, social, econômica, cultural, etc. A título de exemplificação, podemos atentar para o fato de que esta prerrogativa aparenta estar diretamente relacionada com a permanência de ideários coloniais no modus operandi de universidades públicas em países colonizados, mesmo após a oficialização da sua independência. Esse modus operandi colonial ganha contornos ainda mais específicos se levarmos em consideração a atual crise que vive a universidade pública brasileira que, de um lado, se vê assujeitada aos interesses do capitalismo global, de outro, se vê interpelada por sujeitos que questionam as relações de dominação econômica, epistêmica, política e cultural, graças às políticas públicas que promoveram o acesso de grupos socialmente subalternizados ao ensino superior público. Nesse contexto, é preciso refletirmos acerca do papel da professora e do professor como servidora/dor, mantenedora/dor e administradora/dor da sala de aula enquanto usina de modelagem social responsável pela universalização de relações de saber-poder, que promovem toda sorte de perversidades a fim de assegurar a formação do sujeito moderno, em nome de uma determinada utopia pedagógica. Se estivermos de acordo que toda utopia sempre é, em alguma medida, coercitiva, talvez seja importante atentarmos para o modo como nossos corpos estão dispostos uns com os outros no aqui e agora, de modo que, os conflitos entre a universidade e o que tem sido chamado de subservidão, abram espaço para o reconhecimento de uma pluriversidade de modos de saber, fazer e de estarmos juntos na vida cotidiana. Nesse sentido, defender, velar pela educação, pela universidade, pela escola pública pode implicar em fugir para o meio - para o meio da sala de aula, para o meio da escola, para o meio da universidade, conforme apostamos no gesto de fazer outra aula, outra escola, outra universidade dentro da própria sala de aula, da escola, da universidade pública. Nesse sentido, para além de acompanharmos o movimento da própria linha imaginária Táticas afetivas anarcadêmicas - que sai da sala de ensaio, passa pelas calçadas dos portões de chegada e partida da escola pública e vai parar dentro de uma universidade pública - é importante escutarmos os ecos das vozes projetadas nos e pelos depoimentos, testemunhos e relatos de si realizados pelas professoras e professores da rede pública de ensino, alunas e alunos do Mestrado Profissional do Instituto de Artes da UNESP, durante o nosso velório da educação, da universidade e da escola pública. Havia ali uma espécie de mergulho no território dos afetos que tornava audível os compromissos mais ou menos secretos entre o desejo, a angústia e a criação no descongelamento das nossas representações do que significa fazer escola, fazer universidade, fazer educação pública. Como nos momentos nos quais aqueles rostos se dirigiam a um caixão branco, enquanto manejavam as cabeças em um sinal de com-sentir, sentir-com a vida em uma espécie de recusa a aceitar essas formas contemporâneas de morrer, nas quais as pessoas morrem de uma morte maior que a morte.

Local e horário do próximo Mutyrão:

Nosso próximo Mutyrão está marcado para o dia 28 de outubro de 2019, segunda-feira, das 17h às 20h. Nos encontraremos em frente à entrada principal da Biblioteca Mário de Andrade, localizada na R. da Consolação, 94 - República, São Paulo/SP.

Proposta do próximo Mutyrão:

Nesse Mutyrão daremos continuidade à linha de força imaginária Desejo de Rua Transpedagógico, ao experimentarmos o Erratório, uma aula peripatética, performática e pública que, na ativação da autopercepção do corpo em deslocamento pela cidade e da cidade em deslocamento pelo corpo almeja instabilizar o anestesiamento, o embotamento e o empobrecimento da experiência corporal urbana sensível, isto é, a anestésica corporal urbana. Desse modo, esta aula imaginária prevê o acionamento de quatro práticas errantes distintas, a saber: exercício errante, leitura errático, escrito errabundo e diálogo errorista. Trata-se de uma crítica às práticas pedagógicas que promovem uma espécie de atrofia da complexidade da experiência corporal estabelecendo uma relação direta entre educar, sentar e sedar; ao propor um deslocamento da educação como exercício de poder sobre o corpo, para a possibilidade de uma educação que acione a potência do corpo na reinvenção das relações com e na vida cotidiana urbana. Para tanto, alguns questionamentos tais quais: como o corpo se move nas ruas? o que o corpo pode mover no espaço urbano? Ou ainda, que corpo pode mover na cidade? A partir dessa perspectiva, o exercício de imaginação relativo a essa linha de força imaginária se constituirá como um exercício errante que será proposto no próprio dia de realização do Mutyrão de Imagem Performativa Política e Pedagógica.

Combinados para os próximos Mutyrões:

- A Amanda Chaptiska se responsabilizou pela escrita do Andaime a fim de registrar o último Mutyrão. Seu registro deverá ser apresentado no próximo encontro.

- Por favor, não esqueçam de trazer o material de trabalho do Erratório. Sem ele será inviável participar do encontro.

- Solicitamos o uso de peças de roupa sem estampa apenas em cores frias (branco, preto, cinza, azul etc).

- Também sugerimos o uso de relógio de pulso e/ou celulares que deverão ser carregados no bolso e utilizados apenas para o controle do tempo.

- Nosso encontro começará pontualmente às 17h. Não será possível acompanhar o encontro após o início. A pontualidade será importante para que não comprometamos a experiência do grupo.

- Excepcionalmente, pedimos que cada um de vocês nos entregue o material de trabalho ao término do Erratório, pois utilizaremos o mesmo em uma outra atividade do coletivo.

- Em caso de chuva forte no período entre 16h30 e 17h o encontro será cancelado.

Leituras para o próximo Mutyrão:

MARQUES, Diego Alves. Virada pedagógica: o Coletivo Parabelo e a revolta da carne do assento. In: Revista Rascunhos Uberlândia v.4 n.1, jan./jun.2017, p.118-132. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/36655>

- Trata-se de um artigo escrito pelo integrante do Coletivo Parabelo, Diego Marques, o qual apresenta a possibilidade de compreender a Errância Urbana como práxis educativa, além de consistir em um modo de poetizar o espaço tempo urbano. Marques afirma tal entendimento de Errância Urbana como educação a partir da ideia de Virada Pedagógica ou Virada Educativa proposta por estudiosas como a professora e curadora britânica Irit Rogoff ao analisar as relações que artistas têm estabelecido neste início de século XXI com instituições educacionais. Entretanto, o autor propõe, a partir de uma breve genealogia, que a Virada Educativa já estava em curso desde o início do século XX, ao perceber determinadas práticas artísticas que problematizaram a concepção de educação pela arte ao entenderem a arte como educação e a educação como arte na criação de práticas pedagógicas. Em meio a este processo de mudança de paradigma entre arte e educação, Marques apresenta a Errância Urbana como práxis educativa a qual se constitui em um meio de criticar a instituição do chamado Homo Sedens e propor a experimentação de Corpos Urbanos Erráticos, ao exercitar o ato de perder-se na e pela cidade como possibilidade de criar educação.

LUGONES, María. Tactical Strategies of the streetwalker/ Estrategias tácticas de la callejera. In: Pilgrimages/ Peregrinajes: Theorizing coalition against multiple oppressions. Lanhan, Maryland, Rowman & Littlefield, 2003, p. 207-237.

Trata-se do décimo capítulo do livro "Pilgrimages/ Peregrinajes: Theorizing coalition against multiple oppressions", escrito pela filósofa decolonial feminista argentina María Lugones a respeito das chamadas estratégias táticas da vadia. Essas estratégias táticas da vadia seriam uma prática teórica e uma teoria prática de resistência às teorizações sociais baseadas em dicotomias como tática/estratégia, opressão/resistência, indivíduo/coletivo e teoria/prática características da modernidade tardia. A partir da crítica a tais dicotomias, a autora aposta em um senso corporificado, complexo, resistente e instável de socialidade, como um conjunto de relações tensas produzidas pelas e entre as ditas subjetividades ativas - isto é, aquelas e aqueles que se movem nas e pelas cidades sob o signo da vadiagem, ao inventarem atos, práticas e ações como os chamados rolês.

GONÇALVES, Mônica Hoff. Por uma pedagogia a pé. In: Por uma pedagogia a pé: a caminhada como construção poética. Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do grau de Especialista em Pedagogia da Arte. Porto Alegre, 2008, p. 16-23.

Trata-se de um item do segundo capítulo da monografia da artista, professora e pesquisadora brasileira Mônica Hoff, no qual a autora discorre sobre o que seria uma "pedagogia a pé", baseada na concepção de "pedagogia pobre" formulada pelo pesquisador holandês Jan Masschelein. A pedagogia a pé pode ser compreendida como uma apologia ao ato de andar pelas cidades como uma forma de autoeducação no e pelo cultivo da lentidão, da observação, do cuidado e da atenção, isto é, um modo de estar presente no presente. Desse modo, no limite, a autora defende a ideia de que uma pedagogia a pé promove uma relação diferente com o presente na qual se coloca em risco a própria ideia de formação do sujeito.